



Caracterização e geoespacialização dos casos notificados de hanseníase nos estados norte e nordeste entre os anos de 2019 a 2023

Myllena Farias Oliveira Guimarães

INSTITUIÇÃO: Faculdade de Medicina de Olinda
E-MAIL : myllencrm@hotmail.com

Anne Carolina Lima dos Santos

INSTITUIÇÃO: CENTRO UNIVERSITÁRIO
CESMAC
E-MAIL annecarolinasm@gmail.com

Aline Cicilia Oliveira dos Santos Guimarães

INSTITUIÇÃO: faculdade de ciências médicas de
Jaboatão dos Guararapes - FCM Jaboatão
E-MAIL: alinecosantos91@gmail.com

Bruna Peixoto Girard

INSTITUIÇÃO: CENTRO UNIVERSITÁRIO
CESMAC
E-MAIL: brunapeixoto5@hotmail.com

Juliana Sofia Silva Vieira

INSTITUIÇÃO: Centro universitário Cesmac
E-MAIL: julianassvieira@gmail.com

Ana Clara Salles Campos

INSTITUIÇÃO: Centro Universitário Cesmac
E-MAIL ana.clara.sc@hotmail.com

Alba Letícia Peixoto Medeiros

INSTITUIÇÃO: Centro Universitário Cesmac-
CESMAC
E-MAIL albaaleticia@gmail.com

Bibiana Ferrari de Mello Ritter

INSTITUIÇÃO: Universidade Franciscana -UFN
E-MAIL bibianaritter1@gmail.com

Joana Ribeiro dos Santos Cavalcanti

INSTITUIÇÃO: Universidade Estadual de Ciências
da Saúde de Alagoas (UNCISAL)
E-MAIL: joanaribeirosc@gmail.com

Juan Jose Mamani Anze

INSTITUIÇÃO: Universidade Anhembi Morumbi
(UAM)
E-MAIL: juan_anze@live.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium leprae*, acometendo principalmente pele e/ou nervos periféricos. Ela pode afetar praticamente todos os órgãos e sistemas em que existam macrófagos, exceto o sistema nervoso central. Evolui de maneira crônica, podendo apresentar períodos de agudização denominados reações. É potencialmente incapacitante e, embora curável, seu diagnóstico causa grande impacto psicossocial, pelos preconceitos e estigmas que a envolvem desde a antiguidade. A OMS define como caso de hanseníase aquela pessoa que apresente uma ou mais das seguintes características: (1) lesão(ões) de pele com alteração da sensibilidade; (2) acometimento de nervo(s) com espessamento neural; (3) baciloscopia positiva para *M. leprae* (no entanto, a baciloscopia negativa não afasta o diagnóstico).

OBJETIVO: Descrever o perfil epidemiológico das notificações de Hanseníase nas regiões do Norte e Nordeste. **MÉTODOS:** Trata-se de um estudo epidemiológico ecológico, com base em dados de casos notificados de Hanseníase no período entre janeiro de 2019 a dezembro de 2023 no Norte e Nordeste, os quais foram coletados do Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), a partir de notificações realizadas pelo serviço de saúde local e armazenadas no programa TABNET. Após a obtenção dos dados, avaliou-se as variáveis: total de casos notificados, unidade de federação de residência, faixa etária, sexo, forma clínica da doença e quantidade de lesões provocadas. Para avaliação dessas variáveis, foram realizadas análises estatísticas e, posteriormente, representadas em gráficos. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** No período selecionado foram notificados 72.430 casos de hanseníase nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, sendo 55.849 casos novos. O maior número de notificações ocorreu em 2019 (n=22.286) e em 2022 (n=16.095), mas com um declínio significativo em 2023 (n=3.427). A população adulta entre 20 a 59 anos detém a maioria dos casos (n=46.471) e os indivíduos do sexo masculino foram relativamente mais



acometidos (n=42.823) que as mulheres. Além disso, a ocorrência de casos com a manifestação de mais de 5 lesões (n=27807) foi a mais comum e a principal forma clínica visualizada foi a dimorfa(n=35.074). Há uma possível deficiência dos meios de diagnóstico da doença e de baixa efetividade das ofertas das ações de vigilância de contatos de hanseníase, uma vez que a redução dos dados registrados em 2023 não condizem com a realidade vivenciada cotidianamente, em que o desconhecimento, a manutenção de estigmas e as falhas operacionais nos cuidados de saúde e na vigilância da hanseníase são, provavelmente,

responsáveis pelo subdimensionamento da carga endêmica das regiões Norte e Nordeste. **CONCLUSÃO:** Os números apresentados pelo DATASUS não condizem com a atual realidade dos pacientes acometidos pela doença, visto que alguns casos estão sendo subnotificados. São necessárias estratégias para educar a comunidade e combater o estigma, sem esquecer, portanto, de melhorias no acesso aos serviços de saúde.

Palavras-chave: Hanseníase; Epidemiologia; Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada pelo *Mycobacterium leprae*, acometendo principalmente pele e/ou nervos periféricos. Ela pode afetar praticamente todos os órgãos e sistemas em que existam macrófagos, exceto o sistema nervoso central. Evolui de maneira crônica, podendo apresentar períodos de agudização denominados reações. É potencialmente incapacitante e, embora curável, seu diagnóstico causa grande impacto psicossocial, pelos preconceitos e estigmas que a envolvem desde a antiguidade. A OMS define como caso de hanseníase aquela pessoa que apresente uma ou mais das seguintes características: (1) lesão(ões) de pele com alteração da sensibilidade; (2) acometimento de nervo(s) com espessamento neural; (3) baciloscopia positiva para *M. leprae* (no entanto, a baciloscopia negativa não afasta o diagnóstico).

2 OBJETIVO

Descrever e analisar o panorama epidemiológico da Hanseníase nos estados Norte e Nordeste entre os anos de 2019 a 2023.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico ecológico, onde foram coletados dados de casos notificados de Hanseníase no período entre janeiro de 2019 a dezembro de 2023 no Brasil.

As informações a respeito do perfil epidemiológico dos pacientes foram obtidas por meio do Sistema de Informações de Agravos de Notificações (SINAN) disponibilizadas pelo Ministério da Saúde. Os dados foram obtidos a partir de fichas de notificação preenchidas pelo serviço de saúde local



e armazenadas no programa TABNET, sistema de domínio público disponibilizado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), acessados no dia 28 de janeiro de 2024.

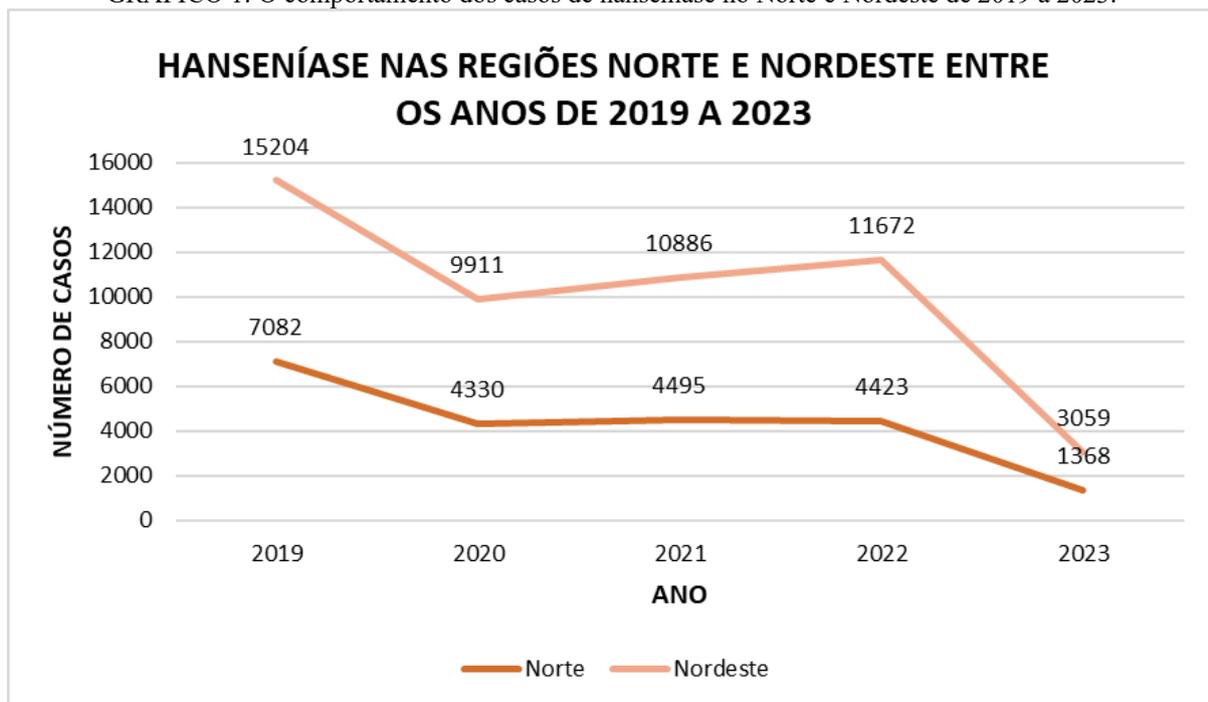
Após a coleta de dados, foram avaliadas as seguintes variáveis: total de casos notificados, unidade de federação de residência, faixa etária, sexo, forma clínica da doença e quantidade de lesões provocadas. Para a análise dessas variáveis, foram realizadas análises estatísticas estratificadas descritivas de abordagem quantitativa, em forma de proporções estabelecendo a frequência das variáveis, e posteriormente, representadas em gráficos.

Por ser um trabalho realizado mediante informações derivadas de fonte de dados secundários sob domínio público e sem a possibilidade de identificação dos indivíduos, dispensa-se a necessidade de submissão de projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a Resolução nº510/16 do Conselho Nacional da Saúde (2016).

4 RESULTADOS

No período de 2019 a 2023, foram notificados 72.430 casos de hanseníase nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, sendo 55.849 casos novos. O maior número de notificações ocorreu em em 2019 (n=22.286), seguido de 2022 (n=16.095), 2021 (n=15.381), 2020 (n=14.241) e uma queda abrupta em 2023 (n=3.427) como pode ser visualizado no Gráfico 1.

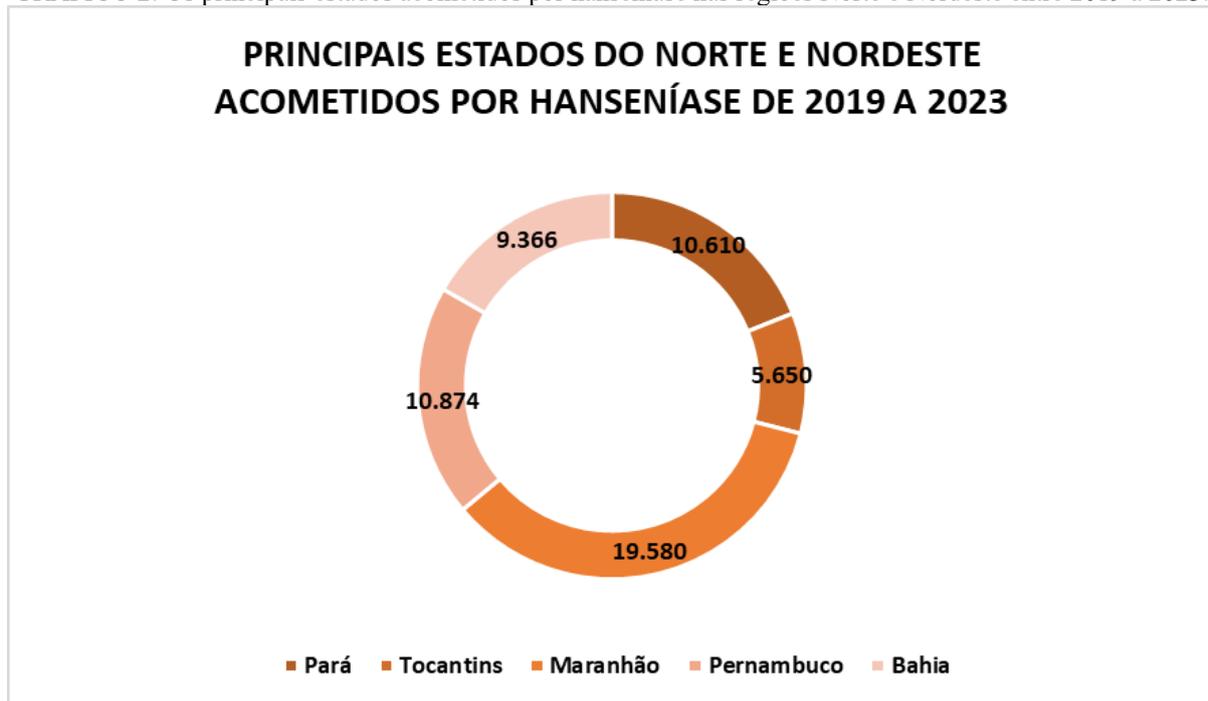
GRÁFICO 1: O comportamento dos casos de hanseníase no Norte e Nordeste de 2019 a 2023.





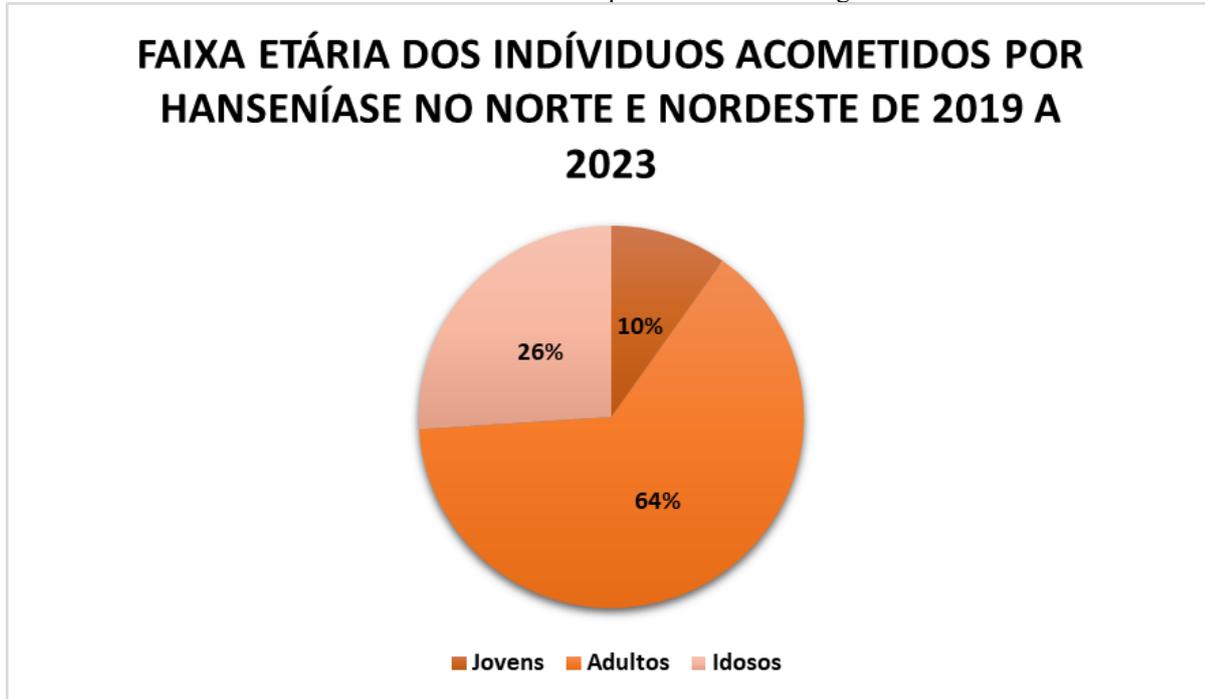
Em relação à distribuição geográfica, no Norte foi possível observar maiores índices de ocorrências nos estados do Pará (n=10.610) e Tocantins (n=5.650), responsáveis por quase 75% dos casos da região. No Nordeste, sobressaíram-se os estados do Maranhão (n=13.580), Pernambuco (n=10.874) e Bahia (n=9.366), que juntos correspondem a quase 67% dos casos da região, como pode ser observado no Gráfico 2.

GRÁFICO 2: Os principais estados acometidos por hanseníase nas regiões Norte e Nordeste entre 2019 a 2023.



Quanto à faixa etária, a população adulta (20-59 anos) anos representou 64,15% (n=46.471) do total de casos notificados na amostra selecionada, contra 26,03% (n=18.858) entre os idosos (a partir dos 60 anos) e 9,8% (n=7.101) da população jovem (1-19 anos) (Gráfico 3).

GRÁFICO 3: Perfil etário dos indivíduos acometidos por hanseníase nas regiões Norte e Nordeste entre 2019 a 2023.

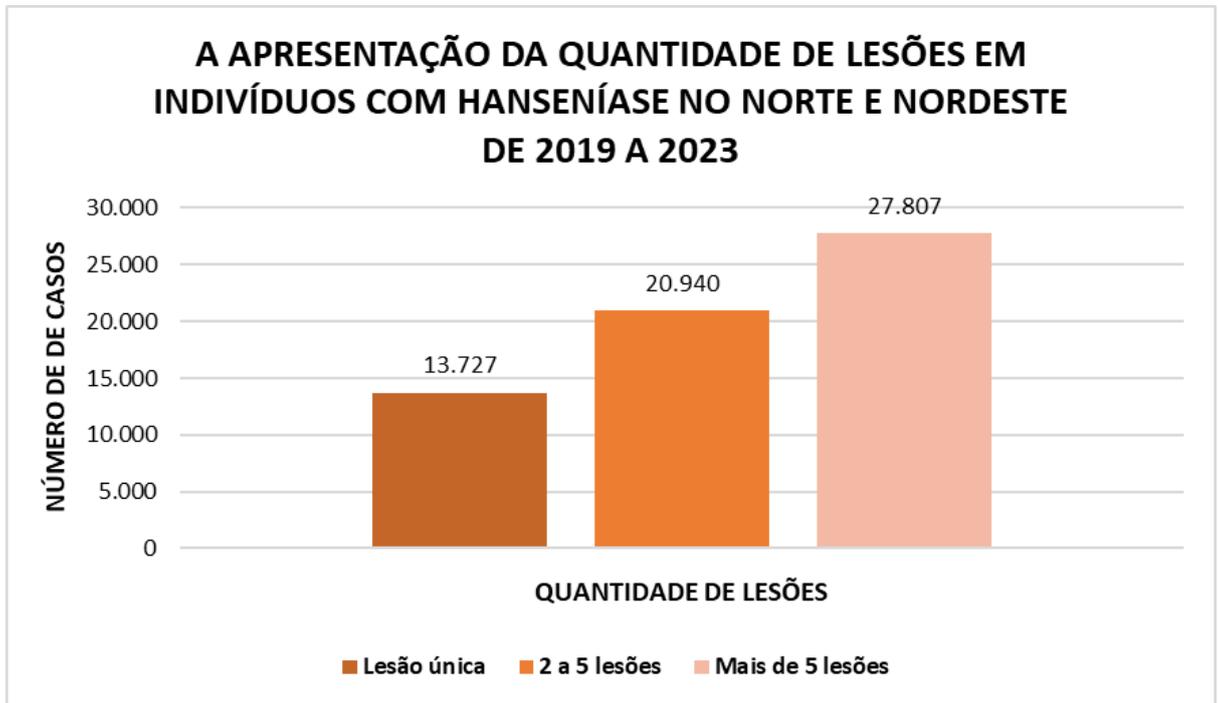


Ao analisar o sexo mais frequente, os indivíduos do sexo masculino foram relativamente mais acometidos com 59,12% (n=42.823); enquanto as mulheres apresentaram 40,87% (n=29.606) dos casos (Gráfico 4).

O presente estudo também analisou o número de lesões provocadas pela doença, onde os 38,39% (n=27807) tiveram mais que 5 lesões, 28,92% (n=20.940) de duas até cinco e 18,95% (n=13.727) apresentaram lesão única. Além do número de lesões, a principal forma clínica visualizada foi a dimorfa com 48,42% (n=35.074), seguida da virchoviana com 17,75% (12.863).



GRÁFICO 4: A apresentação da quantidade de lesões nos acometidos por hanseníase nas regiões Norte e Nordeste entre 2019 a 2023.



5 DISCUSSÃO

A avaliação da hanseníase é de extrema importância por se tratar de um agravo prioritário na política de saúde do Brasil, necessitando de ações que visem ao fortalecimento da atuação da APS no seu controle (LANZA, 2014). No entanto, os contextos analisados nessas duas regiões brasileiras apontam para uma possível deficiência dos meios de diagnóstico da doença e de baixa efetividade das ofertas das ações de vigilância de contatos de hanseníase, uma vez que a redução dos dados registrados em 2023 não condizem com a realidade vivenciada cotidianamente.

Neste estudo, a região do Pará foi uma das áreas de maiores índices da doença e que apresenta consonância a outros estudos em que essa alta incidência é observada. Um parcela considerável dos casos dessa região recebe a contribuição do município Castanhal: uma área hiperendêmica da doença na região amazônica brasileira, com uma alta prevalência oculta e presença de infecção subclínica, que continuam a ser um desafio para o diagnóstico clínico adequado da hanseníase (BOUTH et al; 2023).

Ademais, apesar de muitas vezes viverem em áreas endêmicas da doença, existe uma própria resistência da população frente à hanseníase, seja pelo desconhecimento efetivo dos sinais e sintomas da doença, mas sobretudo pelo alto estigma social que ainda existe em torno da doença, em que historicamente é associada à exclusão social e à discriminação, com relatos sugerindo que os pacientes



podem esconder seus sintomas e não procurar atendimento médico até que os sintomas se agravem (DHARMAWAN et al; 2021; GÓMEZ et al; 2018).

Além dessas resistências fundamentais para o diagnóstico correto e manejo, há uma contribuição insatisfatória das políticas de saúde pública. Entre os fatores relacionados ao sistema de saúde brasileiro que contribuem para o atraso no diagnóstico da hanseníase incluem a falta de atendimento imediato no primeiro serviço de saúde procurado, o excesso de encaminhamentos e a necessidade de três ou mais consultas para confirmar o diagnóstico diagnóstico (SANTOS et al; 2024).

Dessa forma, as falhas operacionais nos cuidados de saúde e na vigilância da hanseníase são insatisfatórias e, provavelmente, são responsáveis pelo subdimensionamento da carga endêmica das regiões Norte e Nordeste.

6 CONCLUSÃO

Os números apresentados pelo DATASUS não condizem com a atual realidade dos pacientes acometidos pela doença, visto que alguns casos estão sendo subnotificados. Os resultados sugerem que menos notificações de casos de hanseníase foram causadas pela redução na detecção de novos casos durante o período do estudo e, assim, é necessário que sejam feitos esforços para sensibilizar e educar a comunidade sobre a doença, para combater o estigma, sem esquecer, portanto, de melhorias no acesso aos serviços de saúde.



REFERÊNCIAS

LANZA, F. M. *Avaliação da atenção primária no controle da hanseníase: validação de instrumentos e análise do desempenho de municípios endêmicos do Estado de Minas Gerais*. 2014. Tese. (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BOUTH, Raquel Carvalho et al. Specialized active leprosy search strategies in an endemic area of the Brazilian Amazon identifies a hypermutated *Mycobacterium leprae* strain causing primary drug resistance. *Frontiers in Medicine*, v. 10, 2023.

SANTOS, Glicya Monaly Claudino dos et al. Factors associated with delayed diagnosis of leprosy in an endemic area in Northeastern Brazil: a cross-sectional study. *Cadernos de saúde pública*, v. 40, p. e00113123, 2024.

GÓMEZ, Libardo et al. Factors associated with the delay of diagnosis of leprosy in north-eastern Colombia: a quantitative analysis. *Tropical Medicine & International Health*, v. 23, n. 2, p. 193-198, 2018.

DHARMAWAN, Yudhy et al. Fatores individuais e comunitários que determinam a detecção tardia de casos de hanseníase: uma revisão sistemática. *PLOS Doenças Tropicais Negligenciadas*, v. 8, pág. e0009651, 2021.